

 HARLEQUIN® **DESEJO**®

2
ROMANCES
inesquecíveis

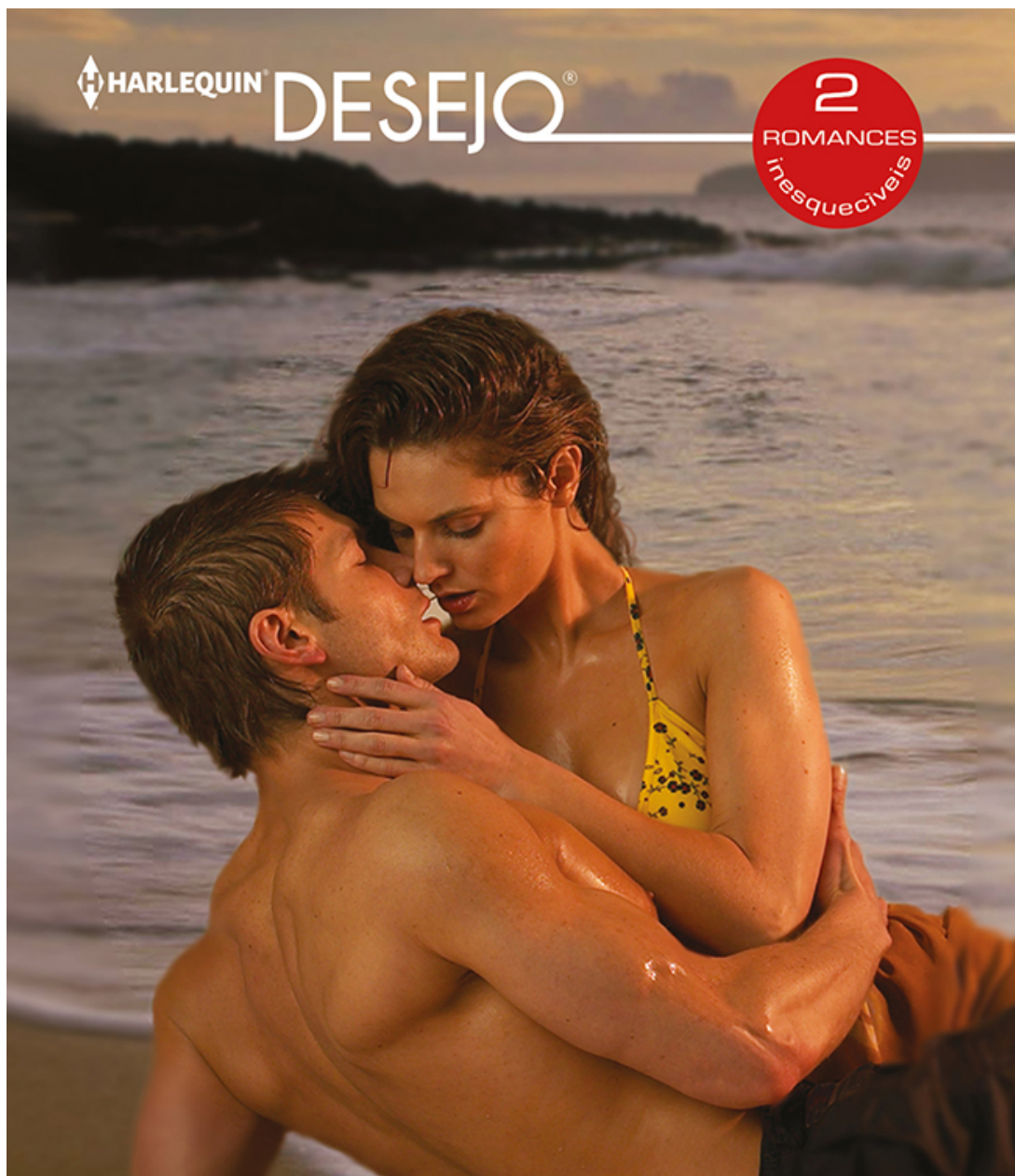


HEIDI RICE
Um mar de paixão

SARAH M. ANDERSON
Um reencontro perfeito

HARLEQUIN® DESEJO®

2
ROMANCES
Inesquecíveis



HEIDI RICE

Um mar de paixão

SARAH M. ANDERSON

Um reencontro perfeito

Editado por Harlequin Ibérica.
Uma divisão de HarperCollins Ibérica, S.A.
Núñez de Balboa, 56
28001 Madrid

© 2021 Harlequin Ibérica, uma divisão de HarperCollins
Ibérica, S.A.
N.º 67 - setembro 2021

© 2010 Heidi Rice
Um mar de paixão
Título original: Surf, Sea and a Sexy Stranger
Publicada originalmente por Harlequin Enterprises, Ltd.

© 2012 Sarah M. Anderson
Um reencontro perfeito
Título original: A Man of Distinction
Publicada originalmente por Harlequin Enterprises, Ltd.
Estes títulos foram publicados originalmente em português
em 2013

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em
vigor, incluindo os de reprodução, total ou parcial. Esta
edição foi publicada com a autorização de Harlequin Books
S.A.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, caracteres, lugares e
situações são produto da imaginação do autor ou são
utilizados ficticiamente, e qualquer semelhança com
pessoas, vivas ou mortas, estabelecimentos de negócios
(comerciais), feitos ou situações são pura coincidência.

® Harlequin, Harlequin Desejo e logótipo Harlequin são marcas registadas propriedades de Harlequin Enterprises Limited.

® e TM são marcas registadas por Harlequin Enterprises Limited e suas filiais, utilizadas com licença. As marcas em que aparece ® estão registadas na Oficina Española de Patentes y Marcas e noutros países.

Imagem de portada utilizada com a permissão de Harlequin Enterprises Limited.

Todos os direitos estão reservados.

I.S.B.N.: 978-84-1105-019-7

Sumário

Créditos

Um mar de paixão

Capítulo Um

Capítulo Dois>

Capítulo Três

Capítulo Quatro

Capítulo Cinco

Capítulo Seis

Capítulo Sete

Capítulo Oito

Capítulo Nove

Capítulo Dez

Capítulo Onze

Capítulo Doze

Capítulo Treze

Capítulo Catorze

Capítulo Quinze

Capítulo Dezasseis

Capítulo Dezassete

Capítulo Dezoito

Capítulo Dezanove

Capítulo Vinte

Capítulo Vinte e Um

Capítulo Vinte e Dois

Capítulo Vinte e Três

Epílogo

Um reencontro perfeito

Capítulo Um

Capítulo Dois

Capítulo Três

Capítulo Quatro

[Capítulo Cinco](#)

[Capítulo Seis](#)

[Capítulo Sete](#)

[Capítulo Oito](#)

[Capítulo Nove](#)

[Capítulo Dez](#)

[Capítulo Onze](#)

[Capítulo Doze](#)

[Capítulo Treze](#)

[Capítulo Catorze](#)

[Epílogo](#)

[Se gostou deste livro...](#)

DESEJO[®]

HEIDI RICE

Um mar de paixão



Capítulo Um

- Aquele homem é o pior surfista que eu vi na minha vida
- murmurou Maddy Westmore estremecendo por baixo do colete salva-vidas.

A neblina daquela tarde de outubro dificultava-lhe a vista, mas empenhou-se em seguir aquela prancha que estava a uns metros da beira-mar. Olhou fascinada para ver como ele se ajoelhava, se punha em pé e se erguia.

E abafou um grito quando o viu cair.

O pobre homem estava há mais de uma hora a surfar, ou melhor, a tentar surfar, nas águas agitadas da baía Wildwater Bay.

Maddy estava a olhar para ele desde o princípio e não tinha conseguido manter-se em pé mais do que uns segundos. Maddy admirava a sua constância, mas começava a perguntar-se a si mesma se não estaria mal da cabeça. Devia estar morto de frio e quase sem forças porque, apesar de o corpo que se marcava por baixo do fato de mergulho ser robusto, a ondulação era bastante forte.

- Não sei - comentou Luke, o seu colega, com a sua pronúncia australiana. - Está em forma e aguenta-se bem em cima da prancha.

Maddy bufou quando o pior surfista do mundo voltou a cair da prancha.

- Embora lhe falte equilíbrio, isso é certo - apontou Luke.
- Queres que lhe digamos para ele sair? Está quase a rebentar uma tempestade.

Só estavam dois banhistas mais na praia, mas estavam à beirinha da água. Não tinha feito um bom verão naquele

ano na Cornualha e o tempo tinha piorado à medida que chegava o outono.

- Sim, vamos dizer-lhe para sair - respondeu Maddy indo em direção à carrinha de salvamento e agarrando no megafone enquanto pensava no chocolate quente que o seu chefe lhe ia pagar no Wildwater Bay Café.

O vento amorteceu a sua mensagem, mas os dois banhistas da beira saíram imediatamente da água.

- Bem, o outro não sai - disse Luke.

Maddy olhou para o surfista. A prancha estava virada ao contrário.

- Ou está louco ou quer suicidar-se - comentou.

As nuvens cinzentas escuras que se tinham formado a certa distância avançavam já a bom passo, fazendo com que as ondas fossem cada vez maiores. Mesmo um surfista experimentado teria dificuldades para apanhar aquelas ondas.

Maddy voltou a aproximar o megafone dos lábios.

- O posto de socorro desta praia está quase a fechar. Recomendamos-lhe encarecidamente que saia da água imediatamente.

Repetiu a mensagem um par de vezes, mas o surfista continuou a meter-se mar adentro.

- Será que não nos ouve? - perguntou-se a si mesma em voz alta tentando não se preocupar.

- Vou retirar as bandeiras - respondeu Luke referindo-se às bandeiras que delimitavam a franja de praia que era segura. - Já é crescidinho. Se quiser matar-se, força. Além disso, combinei com o Jack dentro de uma hora e prometeu-me sexo para a sobremesa.

- Adoro o romantismo dele - respondeu Maddy voltando-se para ele.

- Ouve lá, o sexo selvagem pode ser muito romântico se o fizeres bem - riu-se Luke guardando a bandeira mais próxima na carrinha.

- A sério? - riu-se Maddy ajudando-o a meter a base da bandeira na parte traseira do veículo.

Maddy estava há um ano a fazer obras na casa de campo da sua avó, trabalhando como socorrista e empregada de mesa de dia e aproveitando as noites para realizar as suas pinturas sobre seda, por isso não tinha tido tempo para romântismos. Quanto ao sexo selvagem, tinha a certeza de não o ter conhecido em toda a sua vida...

Maddy franziu a testa enquanto o seu colega e ela carregavam a segunda bandeira. Naquele momento, o vento meteu-se, gelado debaixo do colete e os seus mamilos endureceram.

Era um milagre que, por não o utilizar, não se lhe ter ainda secado o corpo. Se calhar já se tinha secado e morrido e ela nem sequer se tinha apercebido... Como podia ela sabê-lo?

Steve tinha-a deixado no verão anterior depois de acusá-la de estar mais interessada nas suas pinturas do que nele e ela não o tinha negado. Era certo que a pintura era muito absorvente, mas nem metade de Steve e, embora fosse certo que pintar não lhe produzia orgasmos, tinha estado muito perto de ter um da primeira vez que tinha terminado uma das suas pinturas... e Steve também não lhe proporcionava muitos orgasmos... o que deixava claro que tinha sido patética ao aguentá-lo tanto tempo e chorar tanto quando ele se tinha ido embora.

Maddy estremeceu e meteu as mãos nos bolsos do colete, pois o vento cada vez soprava com mais força. Menos mal que tinha prestado atenção ao seu irmão Callum e não tinha voltado para Steve nem lhe tinha emprestado o dinheiro que ele lhe tinha pedido.

Sim, era certo que tinha perdido a libido e o corpo a cujo lado se deitava e acordava todos os dias, mas por outro lado, tinha aprendido a respeitar-se a si mesma, porque o seu irmão tinha razão, tinha de deixar de andar por aí a apanhar homens perdidos com a intenção de transformá-

los. Cal não era ninguém para dar conselhos sobre relações, porque nunca lhe duravam mais de cinco segundos, mas naquilo tinha razão.

O seu irmão era um *Don Juan* empedernido que tinha muito claro que não queria uma relação estável com ninguém, e ela tinha ficado obcecada em mudar os homens que encontrava no seu caminho, e ambas as reações, tão diferentes, tinham sido o resultado da relação dos seus pais, que tinham passado toda a vida separando-se e voltando-se a reconciliar.

Steve tinha sido um mais da lista de maus rapazes que Maddy se tinha empenhado em transformar. Tudo tinha começado com Eddie Mayer, que a tinha beijado na discoteca do colégio e depois lhe tinha roubado o dinheiro do lanche. Todos eles lhe tinham tirado tudo e não lhe tinham dado nada em troca.

Durante aquele inverno, Maddy tinha decidido que as coisas iam mudar. Tinha feito vinte e quatro anos há duas semanas e já ia sendo hora de deixar de cometer o mesmo erro uma e outra vez.

Tinha decidido que se tinha fartado de ser uma boa samaritana, a rapariga doce que facilita a vida a todos e a tolinha que olha para outro lado quando lhe pregam alguma rasteira. Estava decidida a ser ela a tomar as rédeas e a levar a sua avante. Tinha claro que, daí para a frente, ia ser ela a utilizar os homens. Infelizmente, tinham passado já dez meses desde que tomara semelhante decisão e ainda nenhum se tinha deixado utilizar.

- Ouve lá, espera aí, não o estou a ver. Onde é que ele se meteu? - disse Luke olhando para o horizonte. - Terá saído e nós não o vimos? - perguntou sem convicção.

Maddy tirou o colete salva-vidas e deixou-o cair ao chão enquanto agarrava na sua prancha e se dirigia para a beira do mar.

- Não, não saiu - gritou enquanto se metia na água e olhava para o horizonte freneticamente.

Apesar do fato de mergulho que tinha vestido, sentiu a água gelada a morder-lhe os tornozelos.

- Vou avisar o helicóptero - disse Luke enquanto corria pela beira-mar com o *walkie-talkie* na mão.

- Não, espera, ali está a prancha - respondeu Maddy apontando para a prancha que aparecia e desaparecia arrastada pela turbulência da água.

Infelizmente, a forma negra que estava em cima da prancha não se movia. Maddy apressou-se a mergulhar e a nadar em direção a ele. Felizmente, a corrente estava a levar a prancha para a beira-mar. Maddy horrorizou-se ao ver que o surfista levantava a cabeça e tinha sangue na cara, por isso nadou com mais força e mais depressa. Começaram-lhe a doer os braços e as pernas do esforço, mas conseguiu chegar a seu lado e colocar-lhe a prancha salva-vidas debaixo do peito.

- Calma, já cá estou - disse-lhe lutando com a tira de velcro que unia o surfista pelo tornozelo à sua própria prancha.

De repente, ouviu-o a queixar-se e, ao olhar para ele, viu que lhe escorria sangue da testa até à face.

«Concentra-te em soltar o velcro», disse para si mesma.

Por fim conseguiu-o. Estava a agarrar no ferido quando uma onda caiu sobre eles com grande estrondo. O medo paralisou-a durante um segundo, mas Maddy era uma socorrista bem treinada, por isso apressou-se a agarrar bem no surfista e a sair para a superfície de novo. O mar estava furioso e rugia, mas ela não se deixou amedrontar, orientou-se e começou a nadar para a beira-mar rebocando o corpo do ferido.

A areia parecia estar a milhares de quilómetros e as pernas doíam-lhe, mal lhe chegava o ar aos pulmões e estava a custar-lhe muito, mas seguiu em frente. Depois do que lhe pareceu uma eternidade, sentiu uma mão no ombro e, ao levantar a cabeça, deu de caras com Luke.

- Já está, calma, já cá estou - disse-lhe o seu colega. - Aqui já tens pé.

Maddy pôs-se de pé, efetivamente, e sentiu que as pernas lhe tremiam. Como era possível que não se tivesse dado conta de que já estava quase à beira-mar? Ao sair da água, ficou a olhar para Luke e para o ferido. O seu colega estava ajoelhado junto do surfista, examinando-o.

- Respira, por isso não faz falta fazer-lhe boca a boca - comentou a sorrir. - Ata-lhe a correia de segurança à volta do peito. - Vai recuperar a consciência de um momento para o outro. Deve ter batido com a cabeça na prancha. A equipa médica já vem para cá para o examinar. Fica com ele enquanto vou buscar duas mantas, que tu também estás morta de frio - anunciou pondo-se de pé.

Maddy afastou o cabelo empapado da cara e, apesar do medo e do sal que lhe tinha arrasado os olhos, sentiu um forte calor na barriga quando olhou para o homem que ela acabava de resgatar.

Não tinha a beleza clássica de Luke, mas o cabelo louro e desgrenhado, as faces altas e o queixo quadrado davam-lhe um ar de deus pagão que deixou Maddy sem respiração. Fixou-se nos seus ombros, largos e musculados, nos seus abdominais bem definidos e nas suas pernas longas e tonificadas debaixo do fato de mergulho e sentiu que o calor se acentuava.

Maddy estremeceu, e já não era de frio, e reparou no tom azul que emoldurava os seus lábios. Nesse momento, o ferido tossiu e remexeu-se e Maddy perguntou a si mesma que demónios estava a fazer a olhar para ele como se o fosse comer com batatas quando o pobre homem estava ferido e devia ter um frio tremendo. Por isso ajoelhou-se a seu lado e acariciou-lhe a face. Instantaneamente, sentiu mais calor, mas disse para si mesma que devia ignorá-lo.

- Calma - disse-lhe com uma voz tão sensual que teve vergonha.

Para começar, já ia sendo hora de prestar atenção à sua vida amorosa, porque aquilo de namoriscar com moribundos inconscientes não era bom sinal.

- Está bem, não se mexa - murmurou afastando-lhe o cabelo da testa e vendo que a ferida que tinha no nascimento do cabelo não era muito grave.

Ao tocá-la, o ferido abriu os olhos. Maddy sentiu que o coração lhe batia tresloucado enquanto olhava para os olhos mais azuis que tinha visto na sua vida.

O dono daqueles olhos tentou levantar-se e, ao ver que não conseguia, chateou-se.

- Mas que raios...? - queixou-se. - Quem é que me atou? - rugiu.

Maddy pôs-lhe a mão no braço com a intenção de acalmá-lo, mas, ao sentir o seu poderoso bíceps na mão, quem não se acalmou foi ela.

- Eu - respondeu. - É pelo seu bem.

- E quem demónios és tu?

Maddy corou apesar do frio.

- Sou uma das socorristas desta praia - respondeu. - Acabámos de o tirar da água. Bateu com a cabeça.

O ferido parou de esbracejar e deixou cair a cabeça para trás.

- Fantástico - murmurou com amargura. - Obrigado - acrescentou sem convicção. - Solta-me a correia, por favor.

Maddy tentou que o seu tom imperioso não a incomodasse. Depois do que tinha passado, era normal que aquele homem não se encontrasse bem.

- Não, não o vou soltar - disse-lhe com toda a firmeza que conseguiu. - Tem de permanecer quieto até que cheguem os médicos.

- Não preciso de médico nenhum - insistiu o ferido. - Quero é pôr-me de pé.

- Não é boa ideia - insistiu Maddy.

- Então solto-me eu.

Maddy ficou a olhar para ele enquanto o ferido se livrava da correia, se sentava e tocava na cabeça com um grunhido de dor.

- Não deve estar bom da cabeça - disse-lhe. - O que tem de fazer é permanecer deitado até virem os médicos para o examinarem.

O ferido praguejou, mal reparou no sangue e olhou para ela, chateado. Ainda assim, Maddy insistiu.

- Os médicos estão quase a chegar. Não se mexa - disse-lhe agarrando-o pelo braço.

O desconhecido ficou a olhar para a sua mão e Maddy retirou-a rapidamente.

- Eu faço o que me dá na real gana - rugiu.

Maddy não deu o braço a torcer.

- Pode ter lesões internas - avisou-o.

O ferido ficou a olhar para os seus peitos e os mamilos de Maddy escolheram aquele preciso instante para endurecerem.

- Eu prefiro arriscar - disse o surfista com sarcasmo.

A seguir, olhou-a na cara e a Maddy pareceu-lhe que estava a fazer um grande esforço para não sorrir. Além disso, já não olhava para ela tão chateado. Aquilo era incrível e Maddy sentiu que o calor lhe subia pelo pescoço. O pior paciente do mundo tinha ficado fascinado por ela? Mas não, não devia iludir-se.

- Hã! Mas, o que é que está a fazer, pá? - repreendeu-o Luke chegando com as mantas prateadas.

Tinha-se quebrado o feitiço.

- Vou-me embora - respondeu o surfista pondo-se de pé com esforço.

- A sério? - disse-lhe Luke ajudando-o. - Bateu bem com a cabeça.

- Eu sei - respondeu o desconhecido olhando para Luke com frieza.

Maddy estremeceu perante a sua brusquidão, mas o seu colega nem abriu a boca e estendeu-lhe uma manta.

- Leve pelo menos uma manta - disse-lhe. - Deve estar morto de frio.

O desconhecido olhou para a manta, olhou para Luke e aceitou-a.

- Obrigado - disse pondo-a por cima dos ombros com as mãos a tremer.

Maddy soube instintivamente que, se não tivesse sido porque estava à beira da hipotermia, não a teria aceitado.

- Onde vive? - perguntou-lhe Luke com prudência, como se o outro fosse um animal selvagem que pudesse morder a qualquer momento. - Quer que o levemos a casa? - acrescentou enquanto o desconhecido olhava para ele com receio.

O surfista não respondeu imediatamente.

- Vivo em Trewan Manor - disse por fim, apontando com a cabeça em direção à imponente mansão que se erguia sobre as falésias, - mas não preciso que me levem, posso ir pelo caminho - acrescentou enquanto um fino rego de sangue lhe descia até à fonte esquerda.

Maddy seguiu o seu olhar, surpreendida. Desde que tinha começado a trabalhar lá em junho, tinha ficado fascinada por aquela casa de torres de pedra que lhe recordava a casa do *Monte dos Vendavais*. Pensava que estava abandonada e a sua mente tinha imaginado todo o tipo de histórias para explicar o seu abandono.

O seu olhar voltou a concentrar-se no surfista. Para começar, era tão belo como a casa que ocupava, mas também parecia igualmente duro e inexpugnável. Uma pena...

Quando o desconhecido se virou para se ir embora, Maddy deu um passo em frente.

- Um momento, não te podes ir embora ...

Mas Luke agarrou-a.

- Não quer que o ajudes - disse-lhe.

- Mas ele não se pode ir embora assim - insistiu Maddy. - Pode estar ferido - murmurou indignada perguntando-se o

que é que ela tinha a ver com isso.

- Não podes resgatar toda a gente - disse-lhe o seu colega a sorrir. - Anda, vamos ao café. Pago-te um chocolate quente - acrescentou colocando-lhe uma manta sobre os ombros e esfregando-lhe os braços.

Maddy aceitou a manta e assentiu, mas não deixou de olhar para o desconhecido, que se afastava pela areia com a manta prateada a modo de capa atrás de si. Foi nessa altura que se fixou na sua perna.

- Ele coxeia - assustou-se.

Efetivamente, o surfista tinha parado e estava a massajar a coxa, mas continuou o seu caminho rapidamente apesar de coxear, em atitude desafiante.

- Aquilo não é de agora - assegurou-lhe Luke. - Já vem de antes. Se calhar, por isso é que ele não se mantinha em pé na prancha - reconsiderou.

Maddy sentiu uma preocupação e uma confusão que se tornaram em irritação ao pensar em que tipo de idiota se dedica toda a tarde a fazer uma coisa que sabe que não pode fazer e arrisca a vida ao fazê-lo.

- Mas tem um bom traseiro, hã? - acrescentou Luke.

E Maddy deu por si a reparar naqueles glúteos, efetivamente, um bom traseiro. Instantaneamente, sentiu que o pulso se lhe acelerava e que o desejo se apoderava do seu baixo ventre.

Luke tinha razão.

- Infelizmente para ti, parece-me que não é dos teus - disse ao seu colega.

Luke riu-se.

- Pela forma como ele olhou para as tuas mamas, não tenho mais remédio que dar-te razão - respondeu.

Maddy obrigou-se a si mesma a deixar de olhar para o traseiro do desconhecido. Sim, tinha um traseiro estupendo, mas demasiada testosterona também.

Tinha-lhe salvado a vida e nem lhe tinha agradecido! Nem sequer a tinha tratado com respeito!

No entanto, sentada na cabina da carrinha e enquanto Luke conduzia, Maddy sentiu que os seus peitos se endureciam e um pulso insistente lhe latejava entre as coxas.

«Perfeito», pensou.

Era perfeito que os seus instintos básicos escolhessem abandonar o estado de hibernação em que tinham estado durante meses precisamente naquele momento e por um homem que tinha um letreiro bem visível onde se podia ler: «Mulheres, se se aproximarem, estão por vossa conta e risco».

Ryan King praguejou enquanto obrigava a sua perna a dar mais um passo. Deixou cair a cabeça para a frente, contou até dez e concentrou-se em controlar as náuseas que lhe subiam pelo estômago acima. Não era fácil, pois a coxa estava a matá-lo de dores, a fonte batia-lhe como se tivesse um prego lá dentro e tinha tanto frio que tinha a certeza de que lhe iam ter de cortar vários dedos dos pés e das mãos.

- És um estúpido - recriminou-se a si mesmo. - Tudo isto é culpa tua. O que é que querias demonstrar?

«Boa, estupendo, agora também falo sozinho», pensou.

Enquanto a dor lhe atravessava a coxa e sentia o suor a misturar-se com o sal pelo esforço de continuar a subir, disse para si mesmo que tinha feito uma bela figura. Para começar, passar duas horas a demonstrar a si mesmo que jamais poderia voltar a fazer *surf* e entrando em hipotermia como resultado não tinha sido o mais inteligente que podia ter feito. E, para cúmulo, tinha batido com a cabeça na sua própria prancha e tinha tido de vir um socorrista para salvá-lo.

Bom, uma socorrista, uma mulher!

Claro que permitir que os olhos cor de esmeralda da socorrista e o seu voluptuoso corpo lhe levassem a pensar

que poderia fazer com ela algo muito mais interessante que deixar que o tirasse da água, devia ter sido um dos piores momentos da sua existência.

Claro que não tão mau como aquelas primeiras semanas no hospital, completamente dopado, saindo e entrando da inconsciência e atado à cama. E para começar, não tão mau como o momento vivido três meses depois, quando se tinha apercebido de que a sua perna e o seu ego não tinham sido os únicos que tinham ficado irremediavelmente feridos como consequência do acidente de mota.

Ao olhar para aquela rapariga, tinha sentido o princípio de uma ereção, algo que não lhe ocorria há muito tempo, mas a alegria tinha-lhe durado pouco e a realidade tinha caído com todo o seu peso, deixando-o chateado e amargado de novo.

Quando lhe deram alta, os médicos tinham-lhe assegurado que a impotência no seu caso era psicossomática e temporária, resultado do trauma físico e mental que tinha vivido e ele tinha acreditado neles.

Até àquela noite de verão no seu sótão de Kensington, quando o olhar de compaixão no rosto de Marta tinha posto em evidência a verdade.

O que não podia negar era que se o corpo escultural de uma mulher como Marta Mueller, que era modelo profissional, e a sua atitude de «possui-me, sou toda tua», não tinham conseguido que tivesse uma boa ereção, aquela rapariga, por muito que lhe falasse de maneira sensual e olhasse para ele como se o quisesse comer, não ia conseguir.

Rye decidiu afastar da sua mente aquelas lembranças tão humilhantes e concentrou-se em chegar inteiro a casa. A sua perna, inútil, arrastava-se pela lama e via-se forçado a puxar por ela com as mãos cada duas por três e a aguentar uma dor horrível. Rye levantou o olhar para o céu, viu as nuvens cinzentas escuras, sentiu a chuva e o vento na cara

e disse para si mesmo que eram os companheiros perfeitos do seu estado de espírito.

Ao chegar a casa, suspirou aliviado e abriu a porta com o ombro. Enquanto praguejava em voz alta e manchava o chão enquanto andava, pensou no seu avô, de quem tinha herdado aquela propriedade. Quantas vezes Charles King o tinha avisado durante a sua adolescência que algum dia pagaria pelas suas diabruras? Se levantasse a cabeça da sepultura e o visse agora...

Capítulo Dois

- Phil, importas-te que eu me vá já embora? - obrigou-se a perguntar Maddy. - Tenho de fazer uma coisa.

Não tinha tempo a perder. Tinham tido três clientes durante toda a tarde. Seguramente devido a que, embora afinal não tivesse chovido, continuava a haver nuvens cinzentas. Poderia ter-se ido embora há horas e de certeza que Phil não se teria importado com isso.

- Sabes perfeitamente que não te posso negar nada - respondeu Phil a sorrir. - Os teus desejos são ordens para mim.

- Ótimo. Isso quer dizer que me sobes o salário, não? - gracejou Maddy pestanejando de maneira exagerada e cómica.

O seu chefe só saía com raparigas de pernas intermináveis e cabeças ocas e ela não cumpria nenhum dos dois requisitos.

- Quando acederes a sair comigo, subo-te o salário. Considera isso feito - respondeu Phil seguindo-lhe a brincadeira.

- Sim, claro - riu-se Maddy. - Se quiseses, amanhã recupero as horas de hoje. É que hoje foi o meu último dia de socorrista - explicou-lhe decidida a ir diretamente ao assunto.

Não sabia quanto tempo as nuvens cinzentas iam aguentar sem descarregar nem quanto tempo se ia manter a sua resolução.

Phil olhou para o relógio enquanto metia os copos sujos no lava-louça.

- Não faz falta recuperares nada, Maddy - disse-lhe. - Trabalhas mais do que é necessário.

Phil era um engatatório empedernido, mas era o melhor chefe do mundo.

- Obrigada, Phil - respondeu Maddy tirando o avental e os ganchos do cabelo.

- Uma coisa antes de te ires embora. O Luke disse-me que esta tarde resgataste o teu primeiro naufrago e que fizeste tudo muito bem. Parabéns!

- Obrigada - respondeu Maddy algo envergonhada, - mas temo bem que o trabalho ainda não esteja terminado. O tipo foi-se embora a toda a velocidade e não nos deu tempo de fazer os exames que se costumam fazer - acrescentou, pensando no incidente que não lhe saíra da cabeça toda a tarde.

- Se ele se foi embora sem deixar que vocês lhe fizessem os exames, o problema é dele, não teu - respondeu Phil deixando o trapo na beira do lava-louça.

- Em teoria, sim - assentiu Maddy, que tinha estado toda a tarde a tentar convencer-se, precisamente, daquilo, - mas acho que teria de ter-me certificado de que realmente ele estava bem antes de deixar que ele se fosse embora.

E se se lhe tivesse entrado água nos pulmões? E se tivesse um traumatismo crânio-encefálico? Naquele momento, poderia estar inconsciente no chão da sua mansão. Maddy nunca se perdoaria. O certo era que o tinha tirado do mar e sentia-se responsável por ele, o que devia ser uma parvoíce, sim, era certo, mas era o que sentia. Maddy sabia que até confirmar que ele estava bem, não ia conseguir dormir naquela noite.

- Já não podes fazer mais nada - comentou Phil.

- Sim, claro que posso - objetou Maddy saindo do balcão.

- Vou passar por casa dele - declarou.

Há já mais de uma hora que a maré teria tornado impraticável o caminho da falésia, mas em vinte minutos de bicicleta estaria na sua casa.

Maddy aproximou-se da porta e vestiu o impermeável.

- Achas que ele vai gostar que passes por casa dele para veres como é que ele está? - perguntou-lhe Phil.

- Não, acho que ele não vai gostar nada - respondeu Maddy, - mas ele que fique chateado. Não se tivesse afogado no meu turno.

Maddy entrou a pedalar uma hora depois pela cerca de Trewan Manor. Mas estava louca ou quê? De certeza que o protagonista dos seus desvelos se encontrava perfeitamente e lhe fecharia a porta na cara e voltar para casa com a tempestade que estava a ponto de começar podia custar-lhe a vida.

Subir até à mansão do desconhecido tinha sido um pesadelo. A subida enlameada teria sido mais do que suficiente por si só, mas, para cúmulo, tinha-lhe saído a correia da bicicleta duas vezes e estava extenuada.

Enquanto saía da bicicleta e avançava em direção à casa, sentiu como lhe escorriam as gotas de chuva por dentro da gola do impermeável. Maddy olhou para o céu, que estava negro, e rezou para que a tempestade aguentasse ainda uma meia hora mais. Não tinha luzes na bicicleta, por isso voltar para casa naquelas condições ia ser um suicídio.

Maddy praguejou contra a sua inconsciência e a sua natureza compassiva.

Chegou à porta da mansão e ficou com a boca aberta. O edifício de torres de pedra erguia-se sobre ela e agora parecia-lhe mais o castelo de Drácula do que a casa do *Monte dos Vendavais*. A construção era mais imponente de perto. Maddy deixou a bicicleta apoiada e subiu os três degraus que a separavam de uma grande porta de carvalho maciço sentindo-se como Dorothy a ponto de entrar na casa da bruxa.

Procurou infrutuosamente a campainha e, ao final, bateu com a pesada aldraba, cujo som reverberou no entardecer.

Esperou cinco minutos e não obteve resposta, por isso insistiu.

Nada.

Maddy deu um passo atrás e disse para si mesma que ali acabava a sua missão, mas, então, imaginou o desconhecido estendido no chão da entrada, com o fato de mergulho ainda vestido, e disse a si mesma que devia insistir, por isso ajoelhou-se e decidiu dar uma vista de olhos através da abertura da caixa de correio que havia a meio da porta.

Não tinha ido até lá para nada.

A portinhola da caixa de correio moveu-se com facilidade e conseguiu ver uma sombra que atravessava o *hall* e, de repente, fez-se luz. Num abrir e fechar de olhos, a porta tinha-se aberto e Maddy tinha caído para a frente.

- Mas que raios...? - gritou uma voz mal-humorada enquanto Maddy caía em cima de alguém.

Alguém que cheirava a pinheiro e a sal.

- Não está morto - conseguiu balbuciar...

- Ah, a socorrista - murmurou o desconhecido franzindo a testa. - Não, não estou morto. Ainda não. O que é que fazes aqui à parte de me espiares?

- Não estava a... - começou a defender-se Maddy, mas calou-se ao ver como ele estava vestido.

O desconhecido só tinha um roupão. Devia tê-lo apanhado a tomar duche. O roupão tinha-se aberto num dos lados, deixando a descoberto um peitoral estupendo... sobre o qual ela tinha aterrado.

Maddy engoliu em seco.

- Vim ver se estava bem.

- E porque é que não ia estar bem? - respondeu o desconhecido franzindo a testa e colocando bem o roupão, privando Maddy da estupenda vista.

- Porque não... - disse Maddy engolindo em seco, - porque não nos deixou examiná-lo apropriadamente.

Depois de um acidente como aquele que sofreu esta tarde, devia ter ido ao hospital.

- A sério?

- Sim, a sério - retorquiu Maddy, apesar de estar nervosa pela forma como ele olhava para ela.

De repente, sentiu vergonha, pois tinha as calças sujas de lama, o cabelo colado à cara e um impermeável que não a favorecia de forma alguma.

- Alguém te nomeou meu anjo da guarda e eu não soube de nada? - perguntou-lhe o dono dos penetrantes olhos azuis que a estavam a fuzilar.

- Eu... - murmurou Maddy corada.

«Mas este homem é insuportável», pensou de repente.

- Espero que não, sinceramente - respondeu com sarcasmo. - Não desejo isso nem ao meu pior inimigo - acrescentou, decidindo que, embora aquele homem tivesse o corpo de um deus grego, a sua arrogância era monumental. - Bom, como vejo que não está morto, vou-me embora e deixo-o a sós consigo próprio, algo que parece adorar - concluiu, dando meia volta, descendo os três degraus e ignorando os trovões.

Queria sair dali quanto antes. Nunca lá devia ter ido. Aquele homem não necessitava da sua ajuda e ela, para começar, não necessitava de um arrogante como aquele. Maddy avançou pelo caminho levando a sua bicicleta agarrada pelo guiador e jurou a si mesma que aquela tinha sido a última vez que se dedicava a resolver a vida dos outros.

Naquele momento, ouviu um trovão e grossas gotas de chuva começaram a cair sobre ela.

- Volta imediatamente para aqui, sua louca - gritou-lhe o deus grego. - Vais afogar-te.

Maddy indignou-se, retirou o cabelo da cara e virou-se em direção à casa. Ao fazê-lo, reparou nas horrendas cicatrizes que cobriam uma das pernas do homem e sentiu pena.

«Nem penses em sentir pena dele. Por sentires pena dele, olha onde te meteste», disse para si mesma.

- Prefiro afogar-me a ficar consigo - disse-lhe.

O desconhecido encolheu os ombros e voltou a meter-se em casa.

- Muito bem, faz o que quiseres - disse-lhe batendo com a porta.

Maddy tinha avançado três metros quando o céu se abriu e deixou escapar toda a sua fúria, empapando em poucos segundos toda a sua roupa. Avançou mais dois e apercebeu-se de que, para cúmulo, tinha furado a roda de trás.